

TERRITÓRIOS AFRODIASPÓRICOS EM CARAPICUÍBA

Produzindo história da cidade com a comunidade

Amália Cristovão dos Santos

Escola da Cidade – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | amaliasantos@gmail.com

Glória Kok

Escola da Cidade – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | gloriakokgo@gmail.com

EIXO TEMÁTICO: (2) Ensino e Práticas Extensionistas

Resumo: A presente comunicação busca compartilhar reflexões sobre métodos e processos de trabalho desenvolvidos no bojo do projeto de extensão “Proposta de projeto-piloto de identificação da Festa de Cosme e Damião de Carapicuíba: a rede de terreiros na formação da cidade”, Edital IPHAN-PNPI 005/2023. O projeto tem como um de seus objetivos contribuir para a escrita da história da cidade de Carapicuíba a partir de seus “territórios negros” (Henrique Cunha Jr., Raquel Rolnik, Maria Estela Ramos), considerando a relevância da migração de população afrodiaspórica e a estruturação de redes de apoio e vizinhança ancoradas em unidades territoriais tradicionais, como terreiros, quintais e lojas de artigos religiosos, marcadamente presentes nas favelas e comunidades e outros contextos de autoconstrução. O trabalho vem sendo desenvolvido por equipe composta por pesquisadoras/es e agentes da comunidade, envolvendo: entrevistas individuais, entrevistas coletivas, mapeamento e produção de cartografia, dinâmicas de escuta, levantamento e sistematização de acervo comunitário, participação em eventos da comunidade e produção de material textual e audiovisual. Essas ações serão apresentadas e debatidas, tendo como mote suas articulações com a produção de conhecimento sobre territórios majoritariamente produzidos pela própria população e com especial atenção para as tradições afro-brasileiras de criação e uso do espaço (Muniz Sodré, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Nêgo Bispo). As produções desenvolvidas até o momento evidenciam a necessidade de reformular criticamente os referenciais teóricos, os métodos de pesquisa e as relações entre comunidades externas e academia, com vistas à produção de conhecimento histórico e leitura de paisagem que levem em conta a preponderância de grupos sociais subalternizados na formação das cidades brasileiras.

Palavras-chave: Carapicuíba (SP); territórios negros; história das cidades; história oral; acervo comunitário.

AFRO-DIASPORIC TERRITORIES IN CARAPICUÍBA: PRODUCING THE CITY'S HISTORY WITH THE COMMUNITY

Abstract: This paper seeks to share reflections on the methods and work processes developed within the scope of the extension project "Proposal for a pilot project to identify the Festival of Cosme and Damião of Carapicuíba: the network of terreiros in the formation of the city," IPHAN-PNPI Call for Proposals 005/2023. One of the project's objectives is to contribute to the writing of the history of the city of Carapicuíba based on its "territórios negros" (Henrique Cunha Jr., Raquel Rolnik, Maria Estela Ramos), considering the relevance of the migration of the Afro-diasporic population and the structuring of support and neighborhood networks anchored in traditional territorial units, such as terreiros, backyards, and religious supply stores, which are prominently present in favelas, communities, and other contexts of self-construction. The work is being developed by a team of researchers and community agents, involving individual interviews, group interviews, mapping and cartography production, listening dynamics, surveying and systematization of community collections, participation in community events, and the production of textual and audiovisual material. These actions will be presented and discussed, focusing on their connection with the production of knowledge about territories largely produced by the population itself, with special attention to Afro-Brazilian traditions of creation and use of space (Muniz Sodré, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Nêgo Bispo). The research developed to date highlights the need to critically reformulate theoretical frameworks, research methods, and the relationships between external communities and academia, with a view to producing historical knowledge and landscape interpretations that take into account the preponderance of subalternized social groups in the formation of Brazilian cities.

Keywords: Carapicuíba (SP); Black territories; urban history; oral history; community archive.

TERRITORIOS AFRODIASPÓRICOS EN CARAPICUÍBA: PRODUCIENDO LA HISTORIA DE LA CIUDAD CON LA COMUNIDAD

Resumen: Este artículo busca compartir reflexiones sobre los métodos y procesos de trabajo desarrollados en el marco del proyecto de extensión "Propuesta de proyecto piloto para identificar el Festival de Cosme y Damião de Carapicuíba: la red de terreiros en la formación de la ciudad", Convocatoria IPHAN-PNPI 005/2023. Uno de los objetivos del proyecto es contribuir a la escritura de la historia de la ciudad de Carapicuíba a partir de sus "territórios negros" (Henrique Cunha Jr., Raquel Rolnik, Maria Estela Ramos), considerando la relevancia de la migración de la población afrodiaspórica y la estructuración de redes de apoyo y vecinales ancladas en unidades territoriales tradicionales, como terreiros, patios y tiendas de artículos religiosos, que tienen una presencia destacada en favelas, comunidades y otros contextos de autoconstrucción. El trabajo está siendo desarrollado por un equipo de investigadores y agentes comunitarios, involucrando entrevistas individuales, entrevistas grupales, mapeo y producción cartográfica, dinámicas de escucha, levantamiento y sistematización de colecciones comunitarias, participación en eventos comunitarios y la producción de material textual y audiovisual. Estas acciones serán presentadas y discutidas, enfocándose en su conexión con la producción de conocimiento sobre territorios en gran parte producidos por la propia población, con especial atención a las tradiciones afrobrasileñas de creación y uso del espacio (Muniz Sodré, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Nêgo Bispo). La investigación desarrollada destaca la necesidad de reformular críticamente los marcos teóricos, los métodos de investigación y las relaciones entre las comunidades externas y la academia, con miras a producir conocimiento e interpretaciones del paisaje que tengan en cuenta la preponderancia de los grupos sociales subalternizados en la formación de las ciudades brasileñas.

Palabras clave: Carapicuíba (SP); territorios negros; historia de las ciudades; historia oral; archivo comunitario.

INTRODUÇÃO

Nos estudos urbanos, terminologias como “popular”, “irregular” e “informal” são costumeiramente aplicadas a regiões ou edificações consideradas “desvios” em relação à norma e ao projeto, ou seja, ao universo material e imaginário eurocentrado. Ao menos desde os anos 1980, intelectuais e ativistas – principalmente negros e negras – vêm desenvolvendo, no Brasil, perspectivas teóricas que aportam à história da cidade contribuições e agenciamentos espaciais próprios da matriz afrodiaspórica, especialmente relevantes para a compreensão da formação de áreas periféricas, majoritariamente constituídas por populações pretas e pardas, onde as dimensões de urbanidade e ruralidade não são excludentes (RAMOS, 2013; ROLNIK, 1989).

Desde 1980, a cada dia 27 de setembro, é realizada a Festa de São Cosme e São Damião de Carapicuíba, cidade da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), liderada por Mãe Iraldes, Iyalorixá do Ilê Asé Oyá Nitánirê. Apesar de o terreiro se localizar no bairro Novo Horizonte, região periférica da cidade, a celebração acontece, desde os anos 2000, em locais de acesso público, contando com a participação de centenas de crianças de diversas áreas do município – quase todas de famílias que não observam religiões de matriz africana. Em 2023, foi redigido o projeto de pesquisa e extensão “Proposta de projeto-piloto de identificação da Festa de Cosme e Damião de Carapicuíba: a rede de terreiros na formação da cidade”,¹ a partir do diálogo entre técnicos do órgão, pesquisadoras e agentes da comunidade relacionada à celebração (denominada comunidade detentora para os fins da parceria).²

3

A festa realizou sua 46ª edição em 2025, tornando-se um dos principais referenciais de acolhimento construído desde a instalação dos primeiros terreiros na cidade, reunindo comunidades das religiões de matriz africana e população periférica em geral, reunindo cerca de 1.500 a 2.000 crianças. Embora o objetivo principal do projeto fosse a identificação da festa como bem cultural, a equipe trabalhou a partir da perspectiva de que esse processo só poderia ser realizado a contento se incorporasse a compreensão das redes territoriais formadas e formadoras da comemoração. Dessa forma, o reconhecimento da festa como referência na esfera do patrimônio abriu caminho também para a construção de uma história da cidade de Carapicuíba redigida a partir da interlocução entre academia e indivíduos ou coletivos articulados direta ou indiretamente às tradições de matriz africana. Buscou-se, assim, construir uma história pautada pela “escrivência” (EVARISTO, 2021) e pela tradição oral. Este artigo, apresenta e debate questões historiográficas e metodológicas que vêm sendo desenvolvidas a partir desse trabalho, especialmente na busca por uma escrita da

¹ Edital de Chamamento Público n. 05/2023, Programa Nacional do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (PNPI-IPHAN), com início em setembro de 2024 e encerramento em janeiro de 2026.

² Todas as citações de oralidade neste artigo referem-se a falas de pessoas entrevistadas nos projetos realizados, exceto quando indicadas outras origens.

colaborativa história – que toma os interlocutores como sujeitos e não objetos de pesquisa – e que coloque em primeiro plano as formas de transmissão de saberes da própria comunidade, por meio de gestos e oralidade.

MIGRAÇÃO E IDENTIDADE NA FORMAÇÃO DE TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS

Apesar da grande presença demográfica negra na cidade, esse não é um aspecto devidamente reconhecido no imaginário da população, que enfatiza, principalmente, a formação do aldeamento jesuítico naquele território como elemento central da narrativa de fundação da cidade. Fenômenos como a forte migração nordestina ocorrida no século XX e a formação de grande número de terreiros de candomblé e umbanda são pouco ou nada presentes (SOUZA, 2010),³ apesar de serem constitutivos das trajetórias individuais e familiares.

Um pequeno conjunto de relatos sobre as origens da população relacionada aos terreiros de candomblé e umbanda de Carapicuíba foi concedido em conversas informais e atividades de pesquisa que vêm sendo realizadas desde os primeiros meses de 2022. O vínculo inicial deu-se com o Ilê Asé Odé Ibualamo, a partir da figura da Iyalorixá Zana de Odé. Em meados de 2023, foi firmado o projeto “A destruição do terreiro Ilê Asé Odé Ibualamo: patrimônios e caminhos de reparação” (Edital de Chamamento n. 005/2023, Termo de Fomento n. 020/2023, do Conselho de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de São Paulo), que previu cinco meses de trabalho, com produção final de um site de divulgação e consolidação dos resultados.⁴

Desde o contato inicial com a comunidade de terreiros de Carapicuíba, tornou-se evidente a extensão da rede territorial na qual se inserem essas casas na cidade, além de vínculos com o Nordeste. Afora os laços de origem, Mãe Iraildes mantém um terreiro em sua região de nascimento em Gongogi (BA). Também são marcantes os fluxos migratórios advindos do interior do estado de São Paulo (MARCUSO, 2014). A primeira Iyabassê do Ilê Asé Odé Ibualamo, Tia Maria, veio da Bahia; já sua sucessora, Dona Sueli, nasceu em Junqueirópolis, município do interior de São Paulo.

A migração é um dos vínculos identitários dessas populações. Em entrevista realizada em 8 de março de 2023, Mãe Zana descreveu o terreiro como uma centralidade para a comunidade do entorno, promovendo pertencimento mesmo àqueles que não eram da religião. Em suas palavras, “a favela é o terreiro, o terreiro é a favela”. A Iyalorixá destacou que a origem comum como fator de identificação: “(...) a maioria das pessoas

³ Esse imaginário oblitera ainda a constituição demográfica atual da cidade: segundo o Censo de 2022, do total de quase 387 mil pessoas, 45,8% consideram-se brancas e 53,8% se autodeclararam pretas ou pardas.

⁴ Foram realizadas entrevistas, visitas de campo, atividades públicas, debates, curadoria colaborativa e dinâmicas de reconhecimento e produção de documentação. FRENTE ILÊ ODÉ IBUALAMO. **Ilê Asé Odé Ibualamo: memória e história.** Disponível em: <https://ileodecau.wixsite.com/frenteileode>. Acesso em: 20 Maio 2024.

que vivem ali [no entorno do Ilê Asé Odé Ibualamo] e que ainda estão ali são nordestinos. E um nordestino reconhece o outro pela fala, pelo jeito, pelo acolhimento”.

Desse trabalho, foi desenhado um segundo projeto, o supracitado “Proposta de projeto-piloto de identificação da Festa de Cosme e Damião de Carapicuíba: a rede de terreiros na formação da cidade”. A realização do evento conta com a participação de um conjunto de Pais e Mães de Santo da cidade e arredores, em funções de organização, preparo de alimentos, distribuição de comidas e brinquedos e articulação política. Por meio de agentes da política local, são disponibilizados ônibus para o deslocamento de crianças e mães até o galpão e de volta aos seus bairros de domicílio. Em 2025, as crianças participantes vieram de 23 núcleos, incluindo projetos sociais e, principalmente, bairros periféricos.

A celebração de Cosme e Damião configura, pois, uma rede socioterritorial e temporal que articula principalmente comunidades de axé, migrantes nordestinos e seus descendentes, comerciantes, políticos e populações de diversas periferias da cidade (especialmente crianças e suas mães). A partir de princípios relacionados à solidariedade e ao compartilhamento, próprios do “modo de vida periférico” e da constituição de “territórios negros”, com ênfase na segurança alimentar e no amparo das famílias precarizadas, delineia-se a formação desse território e torna-se possível a escrita de uma história de Carapicuíba que enfrente e subverta os silenciamentos da narrativa hegemônica e da desqualificação social.

5

OUVIR E FALAR A HISTÓRIA DA CIDADE

No percurso de aproximação, diálogo, escuta e ação traçado desde 2022, foi consolidada a ideia de que qualquer investigação acadêmica deveria partir dos “vivos”, do “que está lá”, como afirma a lyalorixá Zana, num trabalho com a comunidade – e não sobre ela. No campo da história pública, esse debate vem sendo feito com ênfase nas pesquisas localizadas no escopo da história oral. Em obra lançada há mais de três décadas, Michael Frisch veiculou a noção de “autoridade compartilhada”: uma orientação fundante do processo de pesquisa, segundo a qual se encontram “expertise e experiência” (FRISCH, 2016, p. 62), ou seja, especialistas e comunidades detentoras.

Essas reflexões vão no sentido do que Paul Thompson denomina como viés democratizador dos projetos de história oral, em atividades marcadas pela “natureza essencialmente criativa e cooperativa” das entrevistas (1992, p. 29). A entrevista não é uma escavação em que fontes orais são encontradas, e sim uma interlocução, por meio da qual essas fontes são constituídas, “(...) literalmente, uma troca de olhares” (PORTELLI, 2016, p. 10). Nesse processo, “o historiador [ou historiadora] vem para a entrevista para aprender” (THOMPSON, 1992, p. 32), seja pela diferença social entre interlocutores, com distintas experiências de vida, seja pela disparidade etária, que torna a pessoa entrevistada uma depositária de saberes.

Um dos aspectos da produção de conhecimento histórico por meio de entrevistas é a atribuição de legitimidade, e até centralidade, ao discurso falado. A oralidade, além da possibilidade de suplantarmos lacunas da documentação formal, privilegia cosmovisões e epistemologias para as quais “oralitura” e “afrografias” (MARTINS, 2021) são historicamente centrais, em detrimento da relevância da palavra escrita. No projeto-piloto, consideramos as entrevistas como um processo de elaboração de memórias e narrativas, e não como mero registro de lembranças prontas, o que implica no trabalho ativo de “rememorar” (PORTELLI, 2016, p. 19) e em “uma verdadeira organização” (POLLAK, 1992, p. 204). À condição de operação ativa da feitura e comunicação de lembranças, Ecléa Bosi, por sua vez, dá o nome de “memória-trabalho” (BOSI, 1994, p. 37). O projeto proposto, portanto, buscou caminhos metodológicos que privilegiassem a escrita da história por meio da celebração das vozes e rememorações dos sujeitos que a constituem – no caso, a comunidade detentora da Festa de Cosme e Damião de Carapicuíba.

DESCRIÇÃO CRÍTICA DAS ATIVIDADES E PROCESSOS REALIZADOS

Neste item, nos aproximamos das escolhas metodológicas realizadas pela equipe do projeto, que envolvia agentes de pesquisa e da comunidade. As atividades a serem apresentadas e debatidas são: **entrevistas** realizadas com representantes de diversos grupos participantes da festa; **mapeamento** da rede territorial constituída a partir da Festa de Cosme e Damião de Mãe Iraildes; **acervo comunitário** de fotografias, reunido pela Iyalorixá ao longo de ao menos cinco décadas; e processo de produção da **publicação** final do projeto.

Foram realizadas, ao todo, mais de vinte atividades envolvendo escuta e diálogo com agentes relacionados à festa. As atividades envolveram **entrevistas** individuais e em grupo, que aconteceram na casa de Mãe Iraildes, em sua Associação, nas residências de pessoas entrevistadas e em espaços culturais e comerciais, além de alguns eventos realizados de forma remota, para facilitar a disponibilidade de tempo em casos especiais. Quase trinta entrevistas foram conduzidas nessas atividades, referindo-se às seguintes categorias de participantes: detentoras (membros da comunidade principal de organização da festa); lideranças comunitárias (responsáveis pelo arranjo das crianças participantes em cada comunidade); parceiros e parceiras (que fornecem doações e colaboram com elementos e infraestrutura); Iyalorixás e Babalorixás de terreiros articulados a Mãe Iraildes; agentes culturais (que promovem performances e musicalidade na festa); integrantes mais novos da comunidade detentora, de terreiros variados; comerciantes, que fornecem os doces e brinquedos distribuídos; e os filhos biológicos da Iyalorixá, Fábio e Samara.

Para chegar ao tema principal do projeto – a celebração aos Ibejis –, a equipe adotou majoritariamente a estratégia de realização de entrevistas do tipo “história de vida”, em que as pessoas interlocutoras são convidadas a iniciar suas falas apresentando-se e

contando sobre sua própria trajetória. A partir da elaboração dessa narrativa, as pessoas atingem as circunstâncias de sua aproximação à Mãe Iraldes e à celebração propriamente. Essa orientação, além de criar circunstâncias mais cômodas para os entrevistados, iniciando suas falas a partir de um lugar conhecido, permitiu que fossem identificadas as origens regionais e trajetórias territoriais de participantes da festa e de suas famílias. Note-se que as biografias regularmente são descritas a partir de vínculos familiares e de redes de solidariedade, em geral pautadas por laços de pertencimento identitários e de origem. Mesmo os marcos temporais utilizados costumam ser derivados de acontecimentos como nascimentos, mortes, adoecimentos e afins – especialmente para as mulheres –, além de referenciais de trabalho, como admissão, demissão e períodos de desemprego – majoritariamente para os homens.

Entre todas as categorias acima mencionadas, são comuns as relações com, em primeiro lugar, a região Nordeste e, em segundo, cidades do interior e litoral de São Paulo. Assim como Mãe Iraldes, várias pessoas passaram por mais de um município, em diferentes estados e regiões do país, antes de se estabelecerem em Carapicuíba. É minoritária a quantidade de interlocutores nascidos e nascidas no próprio município, sendo essas apenas as mais jovens. Entre as trajetórias, destaca-se também a relação das famílias com o ambiente rural, sendo que algumas delas chegaram a morar ou trabalhar em fazendas e muitas mantiveram por longos períodos hábitos como plantio e uso de águas dos rios da cidade, enquanto eram limpos.

Essa prática relacionada à ruralidade, observada na comunidade de destino do projeto, é largamente documentada em reflexões de pensadores brasileiros, marcadamente intelectuais negros. Nêgo Bispo considera que quintais, roças ou matas em áreas urbanas configuram uma espacialidade que se propõe a ser um lugar “fora” da cidade. O quilombola identifica a existência de territórios não “colonialistas”, mesmo dentro das cidades modernas: “Nem todos os povos da cidade são colonialistas, mas a cidade é um território colonialista” (SANTOS, 2023, p. 21-22), apontando para um viés de continuidade na experiência de longa duração de populações afrodiaspóricas.

Para Muniz Sodré, o terreiro seria a forma socioespacial primordial da população negra, a partir da qual se identificam vários aspectos da experiência de agenciamento de espaço desse grupo social. A “solidariedade”, o “comunalismo” e as “disposições gregárias” seriam os principais traços dos lugares da população negra, mantidos mesmo com as reformas, “modernizações” e “melhoramentos” das cidades (SODRÉ, 1988, p. 120-121). A entrevistada Hérica Machado, a Nega, liderança comunitária da comunidade CSU, no bairro Cidade Ariston, foi uma das pessoas que destacou “se preocupar com o próximo” como um dos traços marcantes de Iyá Iraldes. Segundo ela, essa característica é latente nas ações promovidas pela Associação Cultural e Assistencial São Cosme e São Damião de Carapicuíba, coordenada por Mãe Iraldes. Nota-se que Nega é evangélica e, assim como a maioria das lideranças comunitárias, não compartilha vínculos religiosos ou espirituais com a Iyalorixá. Entretanto, divide

com ela o modo de vida pautado pela colaboração, principalmente a partir de lideranças femininas negras.

A articulação entre a centralidade dos encontros e a alimentação é também compartilhada entre integrantes da rede territorial da Festa de Cosme e Damião. Mãe Daisy, nascida em Presidente Venceslau e cujo terreiro se localiza em São Roque, valoriza o plantio de alimentos em sua casa – prática comum entre povos tradicionais de matriz africana. Essa atividade é uma das funções desenvolvidas nos quintais, como elucida Henrique Cunha Jr., (CUNHA Jr., SOUZA, SOUZA, 2020), em seu trabalho sobre a “gramática” urbana própria da população negra. O quintal reúne cultivo de plantas medicinais e alimentos, encontro de família e redes de relação e configuração e reconfiguração familiar e de agregados. As espécies cultivadas são consideradas alimento não apenas no sentido nutricional, mas também simbólico, tendo inserções específicas em rituais do candomblé e da umbanda.

Para a alagoana Marise, que chegou a Carapicuíba em 1986 e lidera a organização das crianças da comunidade do Quiriri, a consolidação dessas redes de apoio mútuo é o que possibilita a distribuição de doações que aparecem pontualmente e precisam ser rapidamente destinadas, como alimentos frescos e cestas básicas. Nesses processos, conectam-se lugares de acesso coletivo, como a Associação de Mãe Iraildes, e os próprios espaços domésticos, onde cultos e reuniões são realizados, assinalando a prática do que podemos chamar de “formas compartilhadas de vida” (SANTOS, 2023, p. 64) ou “ética comunitária afro-brasileira” (SODRÉ, 2015).

8

Para apreender a dimensão territorial da formação das redes, em suas diferentes escalas, a equipe do projeto promoveu algumas dinâmicas voltadas para o **mapeamento** de grupos, territórios, entidades e lugares mobilizados pela Festa de Cosme e Damião de Mãe Iraildes. Logo na primeira atividade formal do projeto, ficou evidente o potencial do uso da cartografia como forma de visualização e compreensão desse fenômeno. Num domingo, poucas semanas antes da edição de 2024 da festa, Mãe Iraildes, Mãe Zana e Vera reuniram, na casa da matriarca, diversas lideranças comunitárias responsáveis pela organização das crianças de bairros periféricos da cidade que participariam da celebração. São principalmente mulheres que desempenham essa função, em idades variadas, desde a faixa dos 20 até os 50 anos.

A partir do aprofundamento do contato com essas lideranças em outros eventos de organização da festa, foi promovido um encontro, em março do ano seguinte, em que parte delas foi entrevistada na própria residência de Iyá Iraildes. Na ocasião, a equipe levou mapas da cidade impressos e contou com os apontamentos das lideranças para localizar os bairros onde residem, discutindo as divergências entre denominações administrativas e referências da comunidade. As nomenclaturas e os limites compreendidos pela população local muitas vezes contam histórias sobre os processos

de ocupação e formação do território que não são encontradas em registros oficiais – exceto em denúncias de “irregularidades” e problemas sanitários.

O levantamento inicial foi complementado com listagens produzidas no diálogo entre pesquisadores e pesquisadoras e agentes da comunidade, ambos os grupos pertencentes à equipe formal do projeto. Para isso, contamos também com documentação produzida pela própria comunidade de organização da festa, em seus processos de preparação e estruturação das atividades. Dessa forma, foram mapeados os principais grupos participantes: as comunidades periféricas,⁵ os terreiros⁶ e, em menor número, os comerciantes.⁷

Outra dimensão da territorialidade relaciona-se diretamente aos fluxos migratórios entre Nordeste e Sudeste, tal como observado nas entrevistas, a partir das trajetórias individuais e familiares. Trata-se da hierarquia de terreiros da biografia de Mãe Iraldes e de seus vínculos religiosos. Das 36 casas que compõem a rede da Iyalorixá e relacionam-se à Festa de Cosme e Damião, 19 localizam-se em Carapicuíba e as demais, em Embu-Guaçu, Guaianases, Itapevi, Osasco, São Lourenço da Serra, São Paulo, São Roque, Taboão da Serra (São Paulo), Belo Horizonte (Minas Gerais), Pelotas (Rio Grande do Sul) e Salvador (Bahia). Destes, 12 são terreiros de umbanda, 16 são iorubás, 7 são bantus e 1 é jeje.

Assim como muitas cidades da região Sudeste do Brasil, em Carapicuíba a obliteração histórica e historiográfica da população negra confunde-se com a desqualificação do contingente migratório nordestino. O vínculo entre raça e origem configura um importante enquadramento para compreensão do crescimento demográfico da cidade e da formação de seus territórios negros, considerando o contingente de casas de religião de matriz africana de Carapicuíba cujas origens remontam a estados nordestinos, particularmente à Bahia. A diáspora dos terreiros baianos para o Rio de Janeiro é processo bem documentado pelos estudiosos do tema, mas ainda faltam levantamentos sistematizados e mais completos sobre São Paulo. Além desse movimento, é notória também a migração de descendentes de pessoas escravizadas e livres pobres, trabalhadores de fazendas da província e estado de São Paulo, que se destinaram para a capital e arredores desde fins do século XIX (STREAPCO, 2018). A

⁵ Na edição de 2025, 23 comunidades atuaram diretamente junto à organização e outras 17 foram afetadas indiretamente. A listagem referente às lideranças atuantes nomeia os seguintes territórios: 40 Casas, Aldeia, Boa Esperança, Bocaina, Casa de Velas, Capriotti, Cavalinha, Dema, Jardim Angélica, Murão, Novo Horizonte I, Novo Horizonte II, Quiriri, Reciclagem I, Reciclagem II, Santa Teresa, Savoy, Segundinha, Sem Terra, Tonato, Vila Municipal.

⁶ A rede direta de terreiros de Mãe Iraldes conta com 36 casas.

⁷ Foram entrevistados lojistas de brinquedos (Armarinhos Fernando, unidade de Osasco) e doces industrializados (Doceria Fortaleza, em Carapicuíba).

constituição de modo de vida e território na periferia de Carapicuíba, assim como na cidade de São Paulo, pode ser entendida como fortemente influenciada pela cultura “afrocaipira”, tal como definido por Tiaraju Pablo D’Andrea.⁸

Articular a comunidade aos movimentos territoriais insere na escrita da história grupos sociais que normalmente são prejudicados em termos de visibilidade em fontes e acervos formais, por conta de sua mobilidade e consequente diminuição da capacidade de salvaguarda de cultura material. Nesse sentido, o projeto buscou também valorizar o **acervo comunitário** de Mãe Iraildes, especificamente as fotografias analógicas e digitais reunidas por ela e pela comunidade. Como apontado anteriormente, recai sobre comunidades negras e periféricas a ideia generalizante de que suas histórias seriam virtualmente impossíveis de serem escritas, especialmente em função da ausência de fontes. No entanto, seria equivocado dizer que esses grupos – pessoas negras, pobres, periféricas – não têm costume de constituir acervos pessoais, familiares ou comunitários.

No caso do Ilê Asé Odé Ibualamo, conforme observado no projeto anterior, a preocupação na constituição de acervos próprios ficou evidente quando foi realizada a atividade nomeada “dinâmica de arquivo informal”, em que as pesquisadoras solicitaram aos agentes da comunidade que trouxessem materiais do terreiro considerados significativos para operarem como suportes de memória e registro material. A ação baseia-se na noção de “arquivos informais”, originalmente proposta por Adam Auerbach e definida como “(...) coleções não mapeadas e não sistematizadas de materiais guardados por indivíduos ou grupos nas áreas estudadas” (AUERBACH, 2018, p. 345).

Já em relação à Festa de Cosme e Damião, em atividade realizada em outubro de 2024, a equipe foi apresentada a álbuns fotográficos da Iyalorixá, guardados em sua residência. Ela, Mãe Zana e Vera haviam selecionado exemplares pontuais e indicaram que eram apenas parte de um conjunto maior, que registrava as festas ao longo do tempo, tanto em Gongogi como em Carapicuíba – e, na cidade paulista, as fotos enquadravam os diferentes locais de ocorrência. Era notável como parte das memórias da comunidade vinculava-se às fotografias: histórias e anedotas eram contadas em torno do momento registrado e guardado em papel. Por outro lado, retomar álbuns antigos, que deixaram de ser vistos em tempos recentes, colaborou com o processo de rememoração como trabalho, impulsionado pela realização efetiva da “dinâmica de arquivo informal”, em fevereiro do ano seguinte.

⁸ Menção à fala de Tiaraju Pablo D’Andrea, feita na aula aberta “Sujeitas e sujeitos periféricos: a periferia se define”, parte do 3º Ciclo Aberto “Urgências e Insurgências: ‘Só quem é de lá sabe o que acontece’”, no dia 10 de Junho de 2024, no âmbito do curso de pós-graduação Cidades em Disputa, da Escola da Cidade.

Na atividade, não apenas a seleção de fotografias foi feita por Mãe Zana, como separou os documentos em conjuntos e atribuiu a cada conjunto um descritor, referente a territórios, datas e assuntos de interesse. Isto é, a estrutura inicial de sistematização do acervo comunitário foi desenvolvida pela própria integrante da coletividade, a partir de seus termos e de sua compreensão sobre os sentidos da documentação em relação ao tema da pesquisa. Em paralelo, Mãe Zana enviava periodicamente conjuntos de fotografias digitais armazenadas em seu celular e inseridas em páginas de redes sociais da Associação e outras, constituindo, também, um acervo digital. A escolha dos materiais a serem encaminhados era originada, muitas das vezes, pelos temas e episódios tratados nas entrevistas e outras atividades.

Um dos produtos previstos no projeto foi o dossiê de identificação da Festa de Cosme e Damião de Carapicuíba como bem cultural, em alinhamento aos propósitos do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do IPHAN. Essa **publicação**, a ser disponibilizada gratuitamente em formato digital e impresso (tiragem de 1.280 exemplares), foi proposta pelas coordenadoras do projeto e teve seus princípios norteadores definidos a partir da escuta da comunidade detentora, em reuniões específicas para esse fim. Não existe bibliografia especificamente sobre a celebração realizada por Mãe Iraldes. Ainda que exista material considerável sobre a festa em geral, foram centrais ao processo as críticas da comunidade detentora, especialmente de Mãe Zana, em relação à academia e à transformação de populações subalternizadas em objetos de estudo, sem agência ou voz própria. Por essa razão e compreendendo a centralidade da tradição oral para populações negras e de terreiro, optou-se pela construção de um dossiê conduzido pelas falas de organizadoras e participantes da celebração aos Ibejis.

A festa possui duas narrativas orais que marcam seus significados. Em uma delas, Iyá Iraldes explica a origem de sua preocupação com o próximo, advinda da vivência pauperizada na Bahia e especialmente de um episódio marcante, em que presenciou a morte de uma criança por inanição, após a tentativa de seu pai de alimentá-la com os poucos produtos que tinha em suas roças. Em sua narrativa, o fato toma proporções de causalidade em relação à festa, na qual a distribuição de alimentos às crianças é central: “Um dia eu vou crescer e vou trabalhar e lutar pelos famintos”.

A narrativa da passagem de Rosinha – como se chamava a menina –, do desespero de sua mãe e da tentativa dos pais de Mãe Iraldes de ajudarem a família afligida pela fome, mesmo em meio à própria condição de carestia, pode ser compreendida como verdadeira “tradição oral” da Festa de São Cosme e São Damião de Carapicuíba, nos termos de Jan Vansina (in KI-ZERBO, 2010, p. 139-166). De acordo com a metodologia proposta pelo historiador e antropólogo, essa história configura-se como tradição oral na medida em que é transmitida verbalmente de geração a geração e fundada em testemunho ocular, sendo contada sem adição de novas informações sobre o fato entre cada repetição. Por possuir forma livre e conteúdo fixo, é possível afirmar que se trata

de uma fórmula, uma das categorias em que tal narrativa pode enquadrar-se no contexto das sociedades cuja construção social dá-se por meio da oralidade. Dentro do presente projeto de pesquisa, portanto, é possível fiar-se a esse texto oral e analisar seus processos de transmissão, identificar especialistas – além da própria Yalorixá – e examinar a maneira como gerações mais novas reproduzem a mesma narrativa.

A recuperação da narrativa a cada novo enunciado articula o presente e o passado, em uma noção de temporalidade característica de sociedades africanas: um tempo que não é linear, sucessivo e findável, e sim uma experiência em que momentos pretéritos agem na contemporaneidade, particularmente por meio dos ancestrais. Essa circularidade e coincidência não significam que o presente seja uma repetição automática do passado, guiado por mitos estanques. Ao contrário, “(...) a história é a vida crescente do grupo” (HAMA, KI-ZERBO, 2010, p. 31), isto é, a manutenção do tecido social e da integridade do coletivo passa, por vezes, pela transformação de rituais e sentidos. Na tradição oral da Festa de São Cosme e São Damião de Carapicuíba, a continuidade dos elementos componentes da celebração associa-se, por exemplo, à incorporação de doces industrializados nos saquinhos distribuídos às crianças, o que permitiu atender quase duas mil delas nas últimas edições.

No decorrer das relações entre a equipe e a comunidade, foram presenciadas algumas repetições dessa tradição oral, em reuniões, entrevistas, filmagens e no documentário **Sagrados invisíveis**.⁹ Atentando para os chamados “termos-chave, intimamente ligados à estrutura social, à concepção de mundo” (VANSINA, 2010, p. 144-145), nota-se que a fome e o auxílio comunitário apresentam-se como condicionantes centrais da compreensão da celebração, reforçados a cada nova edição e territorializados pela participação das comunidades periféricas.

A segunda tradição oral justifica a realização da festa fora do terreiro, em espaço de acesso público e com participação de crianças que não observam religiões de tradição de matriz africana. Segundo Mãe Iraldes, o episódio marcante aconteceu na década de 1980, ao final da Festa de Cosme e Damião, em frente ao Ilê Asé Oyá Nitánirê. Encerrada a procissão, que naquela altura percorria as ruas de terra do bairro, integrantes do terreiro começaram a distribuir doces e brinquedos para as crianças que passavam na calçada. A mãe de uma delas, ao ver a cena, proibiu que a filha aceitasse qualquer dos itens entregues, agrediu a criança e, aos berros, afirmou: “Isso aí é coisa de macumbeiro, de feitiçaria, pessoas que seguem Satanás! Você não vai pegar!”. Compreendendo a importância da festa como momento de combate à intolerância religiosa, a Iyá passou

⁹ ASSOCIAÇÃO ASSISTENCIAL E CULTURAL SÃO COSME E SÃO DAMIÃO DE CARAPICUÍBA. **Sagrados invisíveis**, 2024, 33'05". Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j7KArYzwgKc&ab_channel=Associa%C3%A7%C3%A3oCosmeDami%C3%A3odeCarapicu%C3%ADba. Acesso em: 15 Set. 2024.

a realizar a celebração a partir de sua Casa de Velas, no centro da cidade, conduzindo seu cortejo nas ruas de asfalto, sob os olhares de pessoas de diversas religiões.

Além das tradições orais fundantes dos significados da comemoração pública dos gêmeos em Carapicuíba, as falas registradas nas entrevistas também receberam estatuto de fonte documental. Na relação entre oralidade e escrita, o processamento do material registrado nas entrevistas e outras atividades tomou como parâmetro central a legitimidade da fala, tanto em seu conteúdo como em seu formato, gestos, ritmos e particularidades herdadas da tradição formativa de grupos específicos da sociedade brasileira. Em parte, essa operação alinha-se à consideração de Lélia Gonzalez sobre a “marca de africanização do português falado no Brasil (...)”. O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, e também a ausência de certas consoantes (como o L ou o R, por exemplo”, isto é, aquilo que a intelectual chama de “pretuguês” (2020, p. 128). Assim, a transcrição e textualização dos áudios gravados nas atividades da pesquisa privilegiou o registro das opções linguísticas das pessoas interlocutoras, em detrimento da prática – comum e embranquecedora – de promover correções ortográficas e gramaticais, adequando a fala ao português formal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto-piloto encerra-se nos primeiros meses de 2026, quando serão lançados os produtos do trabalho. O longo processo deixou ainda mais evidente o potencial de construção historiográfica a partir das relações estabelecidas entre academia e comunidades externas, privilegiando a escuta e a coletividade. Como era de se esperar, nem sempre a equipe foi capaz de garantir que esses preceitos fossem implementados adequadamente. Vale sublinhar que nem todos os movimentos realizados deram conta de integrar agentes da comunidade aos procedimentos em andamento e que a equipe acadêmica, muitas vezes, reproduz um protagonismo próprio das hierarquias tradicionais de pesquisa. Isso posto, mesmo os equívocos e incompletudes do projeto serviram ao apontamento de horizontes importantes, principalmente no que se refere às formas de descortinar as histórias de territórios marcados pela mobilidade, pela importância da oralidade e pela ética comunitária afrodiaspórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUERBACH, Adam Michael. Informal archives: historical narratives and the preservation of paper in India's urban slums. **St. Comp. Int. Dev.**, n. 53, p. 343-364, 2018.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Edusp, 1987.

CUNHA Jr., Henrique. Bairros negros, a forma urbana das populações negras no Brasil: Disciplina da Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. **Crítica e Sociedade: revista de cultura política**, Uberlândia, v. 10, n. 1, p. 16-27, 2020.

CUNHA Jr., Henrique; SOUZA, Luiza; SOUZA, Márcia. Quintal de Dona Luiza Souza como parte da inserção da população negra na cidade. **Revista da ABPN**, n. 12, v. 34, p. 238-259, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1138>. Acesso em: 10 dez. 2025.

EVARISTO, Conceição. Escrivência. **Canal Leituras Brasileiras**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 24 ago. 2021.

FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única, ou De 'A Shared Authority' à cozinha digital, e vice-versa. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.) **História pública no Brasil: sentidos e itinerários** São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 57-71.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios e intervenções**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HAMA, Boubou; KI-ZERBO, Joseph. Lugar da história na sociedade africana. In: KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História geral da África I**. Brasília: UNESCO, 2010, p. 23-36.

MARCUSSO, Ricardo Antonio. **Estigma social do lugar**: estudo de caso sobre o morar na cidade de Carapicuíba. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2014.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**: o Reinado de Rosário no Jatobá. São Paulo/Belo Horizonte: Perspectiva/Mazza Edições, 2021.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941>. Acesso em: 11 out. 2025.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RAMOS, Maria Estela. **Bairros negros**: uma lacuna nos estudos urbanísticos. 2013. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFBA, Salvador, 2013.

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro). **Revista de Estudos Afro-Asiáticos**, n. 17, set. 1989.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.

STREAPCO, João Paulo França. A formação do padrão periférico de urbanização a partir da transição rural-urbana da cidade de São Paulo entre os séculos XIX e XX. CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA ECONÔMICA & ENCONTRO DE PÓS

GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA, 7 e 9, 2018, Ribeirão Preto. **Anais da 7ª Conferência....** Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 2018, p. 1-23.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade:** a forma social negro-brasileira. Petrópolis: Vozes, 1988.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros:** identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2015.

SOUZA, Juliana de. **Memórias e histórias negras da cidade de Carapicuíba-SP:** uma abordagem para a educação escolar. 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História geral da África I.** Brasília: UNESCO, 2010, p. 139-166.